

“VINDE E VEDE” (Jo 1,39)
A NECESSIDADE DE CONVOCAR

Eis o Cordeiro de Deus!
Que procurais?
Rabi, onde moras?

Estreia 2011

PREMISSA: Alguns eventos significativos do segundo semestre de 2010 - **COMENTÁRIO À ESTREIA 2011:** **1. Retornar a Dom Bosco.** Como Dom Bosco realiza o trabalho de promoção das vocações? - **2. Uma urgência prévia: criar e fomentar a cultura vocacional.** A vida é vocação - Aberta aos outros e a Deus - Vivida como dom e missão. - **3. Aspectos que têm significatividade especial na animação e na proposta vocacional.** Promover a cultura vocacional: missão essencial da Pastoral Juvenil. - A educação ao amor, à castidade. - A educação à oração - O acompanhamento pessoal. - Centralidade e papel da consagração religiosa na missão da Família Salesiana. - O Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana), lugar vocacional privilegiado. - **4. Conclusão. Beleza e atualidade da vocação salesiana.** - A Caravana no deserto. - *A Dança da Vida.*

Roma, 25 de dezembro de 2010.
Solenidade do Natal do Senhor

Caríssimos irmãos,

a minha saudação, onde quer que estejam, leve a todos os meus vivíssimos votos de uma bela, alegre e fecunda celebração do mistério da Encarnação do Filho de Deus. Evidentemente, não se trata de uma afirmação de fé que nada tenha a ver com a nossa vida. Ao

contrário, esta confissão de fé torna-se revelação do mistério da pessoa humana e, portanto, um programa de vida. Com efeito, Ele se fez homem, plenamente como nós, compartilhando em tudo, menos no pecado, a nossa pobre condição humana para que nos tornássemos filhos de Deus. Ele não veio para consagrar a nossa natureza humana, mas para transformá-la a partir de dentro, e torná-la nova assumindo-a plenamente. Esta é a nossa vocação: reproduzir em nós a sua imagem (cf. *Rm* 8,29), e também a nossa missão: “Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito” (Const. 31).

Após a minha última carta, todos poderão encontrar as atividades desenvolvidas nestes meses lendo a crônica do Reitor-Mor, embora ANS ofereça um serviço atualizado sobre todas as minhas viagens, visitas, compromissos e intervenções. Contudo, creio oportuno acenar a alguns eventos e/ou celebrações mais significativos.

Antes de tudo, a visita extraordinária à Delegação de Malta, no início de setembro, enquanto o meu Vigário visitava a Irlanda, foi ocasião de reviver a experiência de aproximar-me das comunidades não por motivações festivas ou celebrações, mas para conhecer as presenças salesianas, os contextos nos quais elas vivem a vida salesiana e realizam a missão, os desafios que enfrentam e os projetos que levam adiante. Normalmente, na Congregação, as visitas extraordinárias são feitas pelos Conselheiros Regionais ou por outros visitantes, atendo-se ao artigo 104 dos Regulamentos que estabelece: “O Reitor-Mor pode visitar, pessoalmente ou por meio de outrem, as inspetorias e as comunidades locais, todas as vezes que julgar necessário”. Creio que para os irmãos a visita foi uma rajada de ar fresco nos pulmões e, para mim, uma verdadeira graça.

A Assembleia mundial dos Ex-alunos, no final de setembro e início de outubro, aconteceu em clima de grande serenidade e responsabilidade. Pude constatar, novamente, a imensa energia que temos à disposição nesta Associação, mas da qual ainda não conseguimos usufruir plenamente. Creio que estamos desperdiçando um potencial que poderia ser de grande relevância se ajudássemos os ex-alunos a passar do simples fato de terem sido alunos de uma escola salesiana à

tomada de consciência do dom da educação salesiana e, consequentemente, do seu empenho para enriquecer as famílias e a sociedade com os valores recebidos e agir como verdadeiras federações e confederações com projetos claros e eficazes. Temos aqui um desafio a assumir como Congregação.

Entretanto, no meu modo de ver, o acontecimento mais importante que celebramos neste período foi o Congresso Internacional sobre “O Padre Rua na história”, que viu a admirável e global representação das Inspetorias de toda a Congregação, a participação qualificada das Filhas de Maria Auxiliadora e de alguns membros da Família Salesiana. Com o Congresso organizado um ano antes pela ACSSA (Associação dos Cultores de História Salesiana), este Congresso Internacional ofereceu-nos, como o mais precioso fruto, uma imagem realmente rica, diria inédita, do Padre Rua. A partir de agora já não se poderá continuar a etiquetá-lo com os clichês clássicos usados para defini-lo como “a Regra viva”, o “outro Dom Bosco”, mas será preciso estudá-lo sabendo que ele representa a fase da história mais relevante para a Congregação, ou seja, a fase da transição depois da morte de Dom Bosco fundador. Enquanto almejo que as Inspetorias organizem congressos ou seminários inspetoriais sobre o tema, oriento-os à leitura e ao estudo dos textos dos dois Congressos, já editados. Será o melhor início da preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco.

Não posso deixar de recordar, ainda, a reunião dos Inspetores da Europa, reunidos em Roma nos dias 26-28 de novembro, para continuar a reflexão – já desenvolvida nos dois encontros anteriores – sobre o “Projeto Europa”. Este Projeto predispõe-se a fazer a revitalização endógena do carisma na Europa, iniciar e consolidar os processos de ressignificação, realocação e redimensionamento das presenças salesianas neste continente, e assumir o compromisso da nova evangelização para a Europa, também com o envio de “missionários” provenientes de todas as partes da Congregação. Este terceiro encontro dos Inspetores da Europa contribuiu para tornar mais claro os objetivos a alcançar no biênio 2011-2012 e dar-lhes maior consistência.

Enfim, antes de apresentar-lhes a Estreia 2011, recordo que o P. Marek Chrzan foi nomeado Conselheiro para a Região Europa Norte

após a renúncia por motivos de saúde do P. Štefan Turanský, ao qual renovo publicamente a minha gratidão pelo generoso serviço prestado nestes dois anos e meio desde a sua eleição. Além disso, nomeei Postulador para as Causas de beatificação e canonização o P. Pier Luigi Cameroni, em substituição ao P. Enrico Dal Covolo, nomeado pelo Santo Padre Reitor Magnífico da Pontifícia Universidade Lateranense e, em seguida, ordenado Bispo.

Sem mais, passo a apresentar-lhes a Estreia de 2011. Faço-o com a certeza de oferecer-lhes um presente apreciado, tanto pelo valor que a *Estreia* tem por si mesma em nossa tradição salesiana desde os tempos de Dom Bosco, quanto pelo tema escolhido que interessa à nossa vida e à nossa missão. Convido-os a ajudar os jovens a descobrirem que a vida é vocação e, mais concretamente, a amadurecer projetos de vida apostólica mediante a educação na fé, a inserção na Igreja, a escuta da Palavra, a oração, a participação na vida sacramental, o acompanhamento espiritual e a iniciação no trabalho apostólico.

* * *

*Caríssimos Irmãos e Irmãs,
Todos os Membros da Família Salesiana
e Amigos de Dom Bosco,*

cumprimento-os com o grande afeto e estima que tenho por todos e cada um de vocês, desejando-lhes um ano-novo cheio das bênçãos que o Pai nos quis dar na encarnação do seu Filho.

Escrevo-lhes para apresentar a *Estreia 2011*, na certeza de lhes dar um agradável presente pelo valor que a *Estreia* tem em nossa tradição salesiana desde os tempos de Dom Bosco, pelo tema escolhido que interessa à nossa vida, à nossa missão e à nossa capacidade de ajudar a descobrir que a vida é vocação e, ainda, pelo momento que vivemos como Igreja e Família Salesiana, sobretudo no Ocidente.

Após a *Estreia 2010*, “*Senhor, queremos ver Jesus*”, sobre a urgência de evangelizar, parece-me a coisa mais lógica e natural fazer um caloroso apelo à Família Salesiana inteira para nutrir, com os SDB, o sentido **da necessidade de convocar**. De fato, nós, salesianos,

“sentimos hoje, mais forte do que nunca, o desafio de criar uma cultura vocacional em todos os ambientes, de modo que os jovens descubram a vida como chamado e toda a pastoral juvenil seja realmente vocacional. Isso exige ajudar os jovens a superar a mentalidade individualista e a cultura da autor-realização, que os leva a projetar o futuro sem colocar-se à escuta de Deus; isso também exige envolver e formar famílias e leigos. Deve-se colocar um empenho especial em suscitar entre os jovens a paixão apostólica. Como Dom Bosco, somos chamados a encorajá-los a serem apóstolos dos seus companheiros, a assumirem várias formas de serviço eclesial e social, a se empenharem em projetos missionários. A fim de favorecer a opção vocacional de trabalho apostólico, dever-se-á propor a esses jovens uma vida espiritual mais intensa e um acompanhamento pessoal sistemático. Esse é o terreno no qual florescerão famílias capazes de testemunho autêntico, leigos empe-

*nhados em todos os níveis na Igreja e na sociedade e também vocações para a vida consagrada e para o ministério”.*¹

Evangelização e vocação, caros irmãos e irmãs, são dois elementos inseparáveis. Mais ainda, o critério de autenticidade de uma boa evangelização é a sua capacidade de suscitar vocações, amadurecer projetos de vida evangélica, envolver inteiramente aqueles que são evangelizados, até fazer deles discípulos e apóstolos.

Um dado histórico da vida de Jesus, confirmado pelos quatro evangelistas, é que, desde o início da sua atividade evangelizadora (cf. Mc 1,14-15), Jesus chamou alguns para segui-lo (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18-19; Lc 5,10-11; Jo 1,35-39). Os seus primeiros discípulos foram, então, “companheiros por todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu no meio de nós, até o dia em que foi elevado do meio de nós” (At 1,21-22).

Segundo o Evangelho de João, a vocação dos primeiros discípulos é fruto de um encontro pessoal que suscita neles atração, fascínio, que transforma as suas mentes e, sobretudo, os seus corações, reconhecendo em Jesus Aquele em quem se realizam as expectativas mais profundas, as profecias, o Messias esperado. Esta experiência liga-os de tal forma à pessoa de Jesus, que eles o seguem com entusiasmo e comunicam a outros a própria experiência, convidando-os a compartilhá-la, encontrando-se com Jesus pessoalmente. O Evangelho de Lucas também fala de um grupo de mulheres que acompanha e assiste o Senhor (cf. Lc 8,1-3), a significar que, entre os seus discípulos, Jesus tinha algumas mulheres, das quais algumas serão testemunhas da sua morte e ressurreição (cf. Lc 23,55-24,11.22).

Convido-os, pois, caros irmãos e irmãs, a serem verdadeiros guias espirituais para os jovens, como João Batista que indica Jesus aos seus discípulos, dizendo-lhes: “*Eis o Cordeiro de Deus!*” (Jo 1,36). Eles, então, o acompanharam e Jesus, ao perceber que é seguido por alguns, dirige-lhes diretamente a pergunta: “*Que procurais?*”, e eles, toma-

¹ CG26, *Da mihi animas, cetera tolle*, Roma, 2008, n. 53: “Vocações para o empenho apostólico”.

dos pelo desejo de conhecer em profundidade quem é Jesus, lhe perguntaram: “*Rabi, onde moras?*” (Jo 1,38). E Ele os convidará, como primeiros discípulos, a fazerem uma experiência de convivência com Ele: “*Vinde e vede*”. Eles experimentaram algo de imensamente belo desde o momento em que “*foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia*” (Jo 1,39).

Eis uma primeira característica da vocação cristã: um encontro, uma relação pessoal de amizade que preenche o coração e transforma a vida. Este encontro transformador é a fé que, animada pela caridade, faz dos crentes e das comunidades cristãs propagadores da Boa-Nova do Evangelho de Jesus. Assim o exprime Paulo na carta à comunidade de Tessalônica: “Tendo acolhido a Palavra, vós vos tornastes um modelo para todos os crentes da Macedônia e da Acaia; por vosso intermédio a Palavra do Senhor difundiu-se por toda parte” (cf. 1Ts 1,7-8). Somos chamados, pois, a renovar este dinamismo vocacional em nós mesmos: comunicar e compartilhar o entusiasmo e a paixão com que vivemos a nossa vocação, de tal modo que a nossa vida se torne, por si só, uma proposta vocacional a outros. Como fez Dom Bosco que, mais do que campanhas vocacionais, soube criar em Valdocco um microclima onde as vocações cresciam e amadureciam, criando uma autêntica cultura vocacional na qual a vida é concebida e vivida como dom, vocação e missão, na diversidade das opções.

1. RETORNAR A DOM BOSCO

Convidados a partir novamente de Dom Bosco para entender sempre mais e poder assumir com maior fidelidade a paixão que ardia no seu coração e o impelia a buscar a glória de Deus e a salvação das almas, imitemo-lo em sua incansável operosidade na promoção de vocações a serviço da Igreja, o fruto mais precioso da sua obra de educação e evangelização, de formação humana e cristã dos jovens. Sua experiência e seus critérios e atitudes poderão iluminar e orientar o nosso trabalho vocacional.

“Dom Bosco, embora trabalhando com incansável generosidade na promoção de várias formas de vocações na Igreja, chamava alguns jovens a ficarem para sempre com ele. Também para nós a proposta da vocação consagrada salesiana dirigida aos jovens faz parte da fidelidade a Deus pelo dom recebido. O desejo de compartilhar a alegria de seguir o Senhor Jesus, ficando com Dom Bosco, para dar esperança a tantos outros jovens do mundo inteiro impele-nos a isso”.²

Dom Bosco viveu, não o esqueçamos, num ambiente pouco favorável e, em alguns aspectos, adverso ao desenvolvimento das vocações eclesiais. O novo regime constitucional do Reino Sardo, com as consequentes liberdades de imprensa, de consciência, de culto, e a potencial “desconfessionalização” do Estado, produziu um crescente dissenso com a Igreja. A liberdade de culto e a ativa propaganda protestante desorientavam o povo simples, apresentando uma imagem negativa da Igreja, do Papa, dos bispos e sacerdotes. Criara-se no povo e, sobretudo nos jovens, um clima nacionalista impregnado pelas ideias liberais e anticlericais.

O próprio Dom Bosco escrevia recordando aqueles tempos: “Um espírito de exasperação elevou-se contra as ordens religiosas, as Congregações eclesiais e, em geral, contra o clero e as autoridades da Igreja. O grito de furor e desprezo pela religião trazia consigo a consequência de afastar a juventude da moralidade, da piedade, portanto, da vocação ao estado eclesial. Por isso, nenhuma vocação religiosa e quase nenhuma para o estado eclesial. Como seria possível, humanamente falando, cultivar o espírito de vocação enquanto os institutos religiosos, aos poucos, iam se dispersando, os padres eram vilipendiados, alguns postos na cadeia, outros em prisão domiciliar?”.³

Vejam, caros irmãos e irmãs, como Dom Bosco reage. Ele não fica a lamentar-se, mas torna-se logo hábil em recolher e cultivar

² CG26, *Da mihi animas, cetera tolle*. Roma, 2008, n. 54: “Acompanhamento dos candidatos à vida consagrada salesiana”.

³ *Cenno storico sulla Congregazione di S. Francesco di Sales e relativi schiarimenti*. Roma. Tip. Poliglotta 1874. In: OE XXV, p. 233.

as vocações e promover a formação de jovens clérigos que ficaram sem seminário, em cuidar dos jovens de boa índole e encaminhá-los à carreira eclesial. No Oratório, com os jovens trabalhadores, órfãos, Dom Bosco logo acolhe meninos e jovens de bom espírito que demonstram sinais para se encaminharem ao sacerdócio e à vida religiosa. Dedica-se com atenção e prioridade à sua formação, uma formação ativa e prática com acompanhamento pessoal e num ambiente de intenso valor espiritual e apostólico. Desde 1860, a seção “estudantes” do Oratório de Valdocco é considerada na prática um seminário. Dom Bosco mesmo escreve nas *Memórias do Oratório* “que a casa do Oratório foi por quase vinte anos o seminário diocesano”.⁴ Estando ao que escreve o padre Braidó, entre 1861 e 1872 entraram no Seminário de Turim 281 jovens provindos do Oratório.⁵

Como Dom Bosco realiza o trabalho de promoção das vocações?

Antes de tudo, Dom Bosco tinha uma atenção especial para descobrir os possíveis sinais de vocação nos jovens com os quais entrava em contato quando ia pregar nas igrejas de vários lugares e naqueles acolhidos no Oratório de Valdocco. Ele nota que, em meio à massa dos seus jovens, brotam em alguns as condições para uma proposta vocacional, até então ocultas por uma incrustação de trivialidade e ignorância. Os pobres oratorianos uniam, de fato, à boa conduta uma alentada inteligência; colocam, então, à prova como animadores entre os companheiros e estudantes com um especial acompanhamento pessoal, porque Dom Bosco não fica à espera de um desenvolvimento quase mecânico da vocação;

⁴ *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales – 1815-1855*. 3ª edição, revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. São Paulo, Editora Salesiana, 2003, p. 210. Colocar a serviço das dioceses como seminários menores as suas (novas) escolas particulares foi um motivo impulsionador da expansão da obra salesiana, cf. A. J. LENTI, *Don Bosco: history and spirit*. Vol. 5º: Institutional Expansion. Roma, LAS, 2009, p. 49-73.

⁵ Cf. P. BRAIDÓ, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*. Vol. I. São Paulo, Editora Salesiana, 2008, p. 540.

ele sabe por experiência que a inconstância juvenil pode colocá-la em sério perigo. Por isso, colabora ativamente com o dom de Deus criando um ambiente adequado, mantendo nele um clima espiritual que responda às exigências de crescimento da vocação, e empenhando-se para ser animador e guia daqueles nos quais percebe o chamado de Deus à vida sacerdotal e religiosa ou à cooperação salesiana na diversidade das suas expressões.

1. O primeiro interesse de Dom Bosco é formar um *ambiente*, diríamos hoje uma *cultura*, no qual a proposta vocacional possa ser favoravelmente acolhida e chegar à maturação.

- *Ambiente de familiaridade* em que Dom Bosco compartilha tudo com os jovens. Vive com eles no pátio, ouve-os, promove um clima de alegria, de festa e de confiança, que abre os corações e faz que os jovens se sintam como em família. A alegria que desprendia de toda a pessoa de Dom Bosco, enquanto realizava o seu apostolado sacrificado e entusiasta, já era, por si mesmo, uma proposta vocacional. Os jovens em contato com Dom Bosco na vida cotidiana faziam a grande e exaltante experiência de ser e se sentir membros de uma família, aprendendo a abrir os seus corações e olhar o futuro com otimismo e esperança.
- O clima de alegria e de família é alimentado por uma *intensa experiência espiritual*. A visão religiosa que Dom Bosco tem do mundo e que unifica a sua atividade multiforme contagiava quase espontaneamente os jovens, que aprendem a viver na presença de Deus. Um Deus que os ama e tem para cada um deles um projeto de felicidade e de vida em plenitude. Cria-se no Oratório um clima espiritual que orienta para a relação interpessoal com Deus e com os irmãos e permeia toda a vida. Esse clima alimenta-se de uma simples, mas constante piedade sacramental e mariana. A oração que orienta os jovens à relação pessoal de amizade com Jesus e com Maria e a adequada experiência sacramental que sustenta e estimula o esforço de crescimento na vida cotidiana, constituem o primeiro recurso para cultivar a amadurecer as vocações.

- Uma terceira característica do ambiente criado por Dom Bosco era a *dimensão apostólica*. Desde o início, Dom Bosco envolve os jovens, especialmente os que demonstram sinais vocacionais, no acompanhamento da sua obra de educação e catequese. Confiava alguns colegas menos dóceis para que, sendo seus amigos, os ajudem a inserir-se positivamente no ambiente e na vida do Oratório. Dessa forma, os jovens aprendem a trabalhar pelos outros com grande empenho e total desinteresse. Aprendem também a viver, eles mesmos, sempre mais disponíveis e abertos às exigências do apostolado, amadurecendo as próprias motivações e fazendo tudo pela glória de Deus e a salvação das almas. Dom Bosco, com o seu acompanhamento atento e constante, tem a intenção de que este serviço de apostolado entre os companheiros, vivido com entusiasmo e disponibilidade, exprima a sua eficácia levando aqueles aos quais se dirige pelos caminhos do bem e também seja, ao mesmo tempo, uma “proposta” concreta de vida para os jovens que ele mesmo escolhera. Surgem e desenvolvem-se nesse clima as Companhias, consideradas por Dom Bosco como experiência chave do ambiente e da proposta educativa do Oratório.

2. Com o ambiente, Dom Bosco oferece um fiel *acompanhamento espiritual* aos jovens e adultos que buscam orientação para a própria vocação. O lugar natural em que Dom Bosco oferece a ajuda da direção espiritual é o confessionário, mas não só. Dom Bosco propõe e facilita variadas possibilidades de encontro e colóquio entre os “filhos de família” e o “pai”, oferecendo a todos uma experiência profunda de educação e direção espiritual. A sua ação modula-se diversamente e de maneira personalizada conforme se trate de jovens ou adultos, aspirantes à vida eclesiástica, à vida religiosa ou simplesmente à vida de bom cristão e honesto cidadão. A sua ação de acompanhamento se torna igualmente particular e atenta na assistência aos Cooperadores, Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos etc.

Os traços mais evidentes quando se observa Dom Bosco agindo como diretor de espírito são o discernimento e a prudência revelados quando aconselha sobre a vocação. Embora faltassem naquele tempo pastores à Igreja e a ele mesmo fossem urgentes os colaboradores, o padre Rua testemunha, sob juramento, que “jamais aconselhava a entrar nela (na vida sacerdotal ou religiosa) quem não tivesse os requisitos necessários para ela... Eu soube de vários que ele dissuadiu, apesar do desejo deles”.⁶

Movido sempre por um prudente discernimento, esforça-se por levar a refletir aqueles que, embora tendo os dotes necessários, nunca tinham pensado em ser sacerdotes ou religiosos. Dom Bosco apresentava-lhes pouco a pouco algumas considerações que os ajudassem a repensar a própria opção, e nenhum deles jamais ficou insatisfeito ao seguir o seu conselho.

A direção espiritual de Dom Bosco é toda iluminada pelo “dom do conselho”, que o habilita a orientar com segurança aqueles que a ele se dirigem.

3. A ação vigorosa realizada por Dom Bosco em favor das vocações é apoiada por um *intenso amor à Igreja*: ele empenha todas as suas forças, com entrega total, para buscar o bem dela. É justamente o amor à Igreja que nos permite compreender a importância que ele dava à atividade apostólica de promoção das vocações e a insistência para que todos trabalhassem e se empenhassem concordemente em buscar para a Igreja o grande tesouro representado pelas vocações. Ele costumava dizer: “Nós damos um grande tesouro à Igreja quando buscamos uma boa vocação; que esta vocação ou este padre vá à diocese, às missões ou a uma casa religiosa, não importa. É sempre um grande tesouro que se dá à Igreja de Jesus Cristo”.⁷ A visão do bem de toda a Igreja jamais o deixa, nem quando consome as suas forças, o seu tempo, os meios financeiros

⁶ *Summarium*, 676, par.14.

⁷ MB XVII, p. 262.

que lhe custam tanto esforço, nem quando emprega o seu escasso pessoal ou as suas Casas.

*“Apressai-vos, apressai-vos para salvar os jovens...”*⁸ O apelo de Dom Bosco moribundo pode ser entendido como dirigido não só aos presentes àquele momento, em seu quarto, mas a toda a Família Salesiana em geral. Apelo que urge e urgirá sempre, porque os jovens de todos os tempos precisam de “salvação”.

Dom Bosco moribundo dirige este apelo também a nós. É um convite a arregaçarmos as mangas e trabalharmos para que desabrochem, floresçam e se consolidem ao nosso redor numerosas e válidas vocações salesianas, como aconteceu ao seu redor. Assumir isso requer de cada um de nós a santa paixão pela salvação da juventude vivida pelo próprio Dom Bosco; esta paixão nos tornará corajosos e fará que superemos o temor de não sermos entendidos ou sermos marginalizados ou repelidos pelo nosso mundo secularizado e dessacralizador, que recusa a diversidade, suprime o sobrenatural e marginaliza o crente.

Sem temor, portanto, vivamos um estilo de vida que conteste o mundo e a sociedade que não permitem o desenvolvimento e a promoção integral da pessoa humana; estilo de vida que estimule a viver a própria vocação com alegria e entusiasmo e a propor aos jovens e adultos, homens e mulheres, rapazes e moças, a vocação salesiana como resposta adequada de salvação para o mundo de hoje, e como projeto de vida capaz de contribuir positivamente para a renovação da sociedade atual. Assim se exprime o artigo 28 das Constituições dos Salesianos de Dom Bosco: “Estamos convencidos de que muitos jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica. Ajudamo-los a descobrir, acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda a Igreja e da Família Salesiana”. Esse empenho foi uma finalidade da Congregação até mesmo antes da sua aprovação⁹ e adquire hoje uma

⁸ MB XVIII, p. 530.

⁹ Mesmo faltando um artigo sobre os seminários menores no primeiro texto constitucional existente, o manuscrito do padre Rua de 1858, ele foi introduzido por Dom Bosco no esboço de 1860. Cf. G. BOSCO, *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales [1858] – 1875*. Edição crítica

urgência e necessidade extraordinária (cf. Const. 6), como a Igreja no-lo recorda repetidamente.

2. UMA URGÊNCIA PRÉVIA: CRIAR E FOMENTAR A CULTURA VOCACIONAL¹⁰

“É preciso promover uma cultura vocacional que saiba reconhecer e acolher a profunda aspiração do homem que o leva a descobrir que somente Cristo lhe pode dizer toda a verdade sobre a sua vida.”¹¹ Falar hoje de *cultura vocacional*, como João Paulo II o fez por primeiro, não é só pertinente, mas também urgente. De fato, notamos às vezes que há uma fratura entre os gestos de pessoas, até mesmo generosas e bem iluminadas, e a mentalidade coletiva, entre as iniciativas pessoais e as expressões sociais, entre a práxis e os seus fundamentos. Notamos na Congregação, como também na Família Salesiana, que pode haver um trabalho vocacional feito por alguns indivíduos, chamados delegados para as vocações, mas percebe-se, ao mesmo tempo, que não há uma verdadeira cultura vocacional nas comunidades ou nos grupos.

A cultura, de fato, refere-se não a gestos individuais, embora numerosos, mas à mentalidade e à atitude compartilhada por um grupo; refere-se não só às intenções e aos propósitos privados, mas ao emprego sistemático e racional das energias disponíveis na comunidade. Os conteúdos da cultura vocacional, assim entendida, referem-se a três áreas: a antropológica, a educativa e a pastoral. A primeira refere-se ao modo de conceber e apresentar a pessoa humana como vocação; a segunda mira a favorecer uma proposta de valores congeniais à vocação; a terceira dá atenção à relação entre vocação e cultura objetiva e tira dela conclusões para o trabalho vocacional.

de Francesco MOTTO. Roma, LAS, 1982, p. 76-77.

¹⁰ Nesta seção, tomo livremente a voz “Cultura della Vocazione”, do padre JUAN E. VECCHI, in *Dizionario della Pastorale Vocazionale*. Libreria Editrice Rogate, Roma, 2002, p. 370-382.

¹¹ JOÃO PAULO II, Mensagem para XXX Jornada de Oração pelas vocações (8 de setembro de 1992).

A vida é vocação

Sabemos que todas as intervenções educativas e pastorais dependem de uma imagem de homem, espontânea ou reflexa. O cristão vai elaborando-a com a vivência, com o esforço racional de entender o seu sentido e com a iluminação da fé. Os três elementos – vivência pessoal, busca de sentido e discernimento da fé – são indispensáveis e relacionados entre si. A revelação não deve ser entendida como sobreposição externa à experiência e à compreensão humana, mas justamente como esclarecimento do seu sentido profundo e definitivo. É preciso, pois, em primeiro lugar, superar o modo de pensar e de falar da vocação como se fosse um *surplus*, um incentivo só para alguns, um fato funcional ou o recrutamento para algum estado de vida, mais do que uma referência substancial à própria realização da pessoa. A crise das vocações pode ser também por causa do estilo de vida que elas apresentam. Em maior profundidade, porém, ela se deve a uma visão de existência humana em que a dimensão de “apelo”, isto é, de ter de se realizar na escuta de outro e em diálogo com ele, não só é excluída de fato, mas não pode nem sequer ser inserida de maneira significativa. Isso acontece nas visões de homem que colocam a satisfação das necessidades do indivíduo acima de tudo, propondo a autorrealização como única meta da existência ou concebendo a liberdade como pura autonomia. Hoje, estas sensibilidades são difusas, exercem certo fascínio e, mesmo quando não são assumidas de maneira integral, configuram as mensagens da comunicação e influem nos encaminhamentos educativos.

Primeira tarefa da cultura vocacional, então, é elaborar e difundir uma visão de existência humana concebida como “apelo e resposta”, como consideração conclusiva de uma fundamentada reflexão antropológica. Levam a essa conclusão a experiência da relação, a exigência ética que dela se segue, os questionamentos existenciais. São estes, portanto, os caminhos a percorrer para individualizar alguns conteúdos da cultura vocacional que nos preocupa. A pessoa tem consciência da própria singularidade. Compreende que a sua existência é exclusiva, qualitativamente diversa das demais, irredutível ao mundo. Pertence-

lhe totalmente, mas tem as características de um dom, de um fato que precede qualquer desejo ou esforço.

Aberta aos outros e a Deus

Ao mesmo tempo, o homem adverte que participa de uma rede de relações, não opcionais ou secundárias, entre as quais é imediatamente evidente e ocupa lugar privilegiado aquela com as outras pessoas. A primeira coisa que alguém percebe não é o eu com suas potencialidades, mas a interdependência com os outros, que requerem ser aceitos em sua realidade objetiva e reconhecidos em sua dignidade. Nesta ótica, a responsabilidade aparece como a capacidade de reconhecer os sinais que provêm dos outros e de dar-lhes respostas. Trata-se de um apelo ético, porque comporta algumas exigências de responsabilidade e de comprometimento. O homem desperta para a existência pessoal quando os outros deixam de ser vistos apenas como meios dos quais se servir.

A cultura vocacional deve prevenir o jovem de uma concepção subjetivista que faz do indivíduo centro e medida de si mesmo, que concebe a realização pessoal como defesa e promoção de si, mais do que como abertura e entrega. E também das concepções que na relação intersubjetiva permanecem aprisionadas apenas no prazer, sem perceber o seu caráter ético. A experiência relacional e a sua componente ética já orientam para o Transcendente, porque surge nelas algo de incondicionado e imaterial. De fato, os outros não exigem que se lhes venha ao encontro apenas com objetos e estruturas ou interajam com eles mediante reflexos instintivos. Eles requerem o reconhecimento do mistério da sua pessoa e postulam, portanto, respeito, gratuidade, amor, promoção de valores morais e espirituais.

O apelo à transcendência torna-se, porém, mais evidente quando a pessoa é capaz de abrir-se aos questionamentos fundamentais da existência e colher a sua densidade real. Surge, então, a abertura ao transcendente, já entrevisto nas suas realizações positivas e nos seus

limites. Entende que não pode deter-se no que lhe é imediatamente perceptível nem circunscrever-se ao hoje. A pessoa é um mistério infinito que só Deus pode explicar e só Cristo pode satisfazer. Por isso, é naturalmente levada a buscar o sentido da vida e projetar-se na história. Deve decidir a sua orientação de longo prazo, tendo à frente diversas alternativas. E não pode percorrer a própria vida duas vezes: deve arriscar! Nos valores que elege e nas escolhas que faz, ela joga o seu sucesso ou a sua falência como projeto, a qualidade e a salvação da sua vida. Jesus exprime-o de forma muito clara: “Quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará. De fato, de que adianta alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?” (Mc 8,35-36). A missão da cultura vocacional é sensibilizar para a escuta desses questionamentos, habilitar para aprofundá-los. A missão da cultura vocacional é também promover o crescimento e as escolhas de uma pessoa em relação ao *Bonum*, ao *Verum*, ao *Pulchrum*, na acolhida dos quais se encontra a sua plenitude.

Vivida como dom e missão

Tudo isso requer o aprofundamento da vocação como definição que a pessoa dá à própria existência, percebida como dom e apelo, orientada pela responsabilidade, projetada com liberdade. O filão mais fecundo para descobrir tal fundamento é a Escritura, lida como revelação do sentido da vida do homem. Na Escritura, o ser e as relações constitutivas da pessoa são definidos pela sua condição de criatura, o que não indica inferioridade ou dependência, mas amor gratuito e criativo da parte de Deus.

O homem não tem em si mesmo a razão da sua existência nem da sua realização. Ele a deve a um dom do qual usufrui tornando-se responsável por ele. O dom da vida contém um projeto que se vai revelando no diálogo consigo mesmo, com a história, com Deus, e exige uma resposta pessoal. Isso define a colocação do homem em relação

ao mundo e a todos os seres que o compõem. Como eles não podem preencher os seus desejos, o homem não lhes é submisso.

O exemplo típico desta estrutura de vida é a aliança entre Deus e o seu povo, como apresentada na Bíblia. Ela é eleição gratuita da parte de Deus. Ao homem cabe tomar consciência dela e assumi-la como projeto de vida, guiado pela Palavra que o interpela e coloca na necessidade de escolher. Em Cristo, a verdade sobre o homem, que a razão percebe vagamente e que a Bíblia revela, encontra a sua iluminação total. Cristo, com as suas palavras, mas, sobretudo em virtude da sua existência humano-divina, na qual se manifesta a consciência de Filho de Deus, abre a pessoa à plena compreensão de si e do próprio destino. Nele somos constituídos filhos e chamados a viver como tais na história.

A vocação cristã não é um acréscimo de luxo, um complemento extrínseco para a realização do homem. Ela é a sua pura e simples realização, a condição indispensável de autenticidade e plenitude, a satisfação das exigências mais radicais, aquelas das quais é substanciada a sua própria estrutura de criatura. A inserção na dinâmica do Reino, ao qual Jesus convida os discípulos, é igualmente a única forma de existência que corresponde ao destino do homem neste mundo e além. A vida evolui, então, inteiramente, como dom, apelo e projeto.

Tomar tudo isso como base e inspiração da ação, difundi-lo de modo que se torne mentalidade da comunidade educativo-pastoral e particularmente dos agentes vocacionais com as relativas consequências educativas e práticas constitui a “cultura” de que a pastoral precisa urgentemente.

Eis as atitudes de fundo que dão vida à cultura vocacional e que gostaríamos de privilegiar:

- **A busca de sentido.** O sentido é a compreensão das finalidades imediatas, em termos médios e, sobretudo, últimos dos acontecimentos e das coisas. O sentido é também a intuição da relação que realidades e eventos têm com o homem e com o seu bem. O amadurecimento do sentido comporta exercício da razão, esforço de

busca, atitude de contemplação e interioridade. Ele vai sendo descoberto em diversos âmbitos: na própria experiência, na história, na Palavra de Deus. Tudo converge para uma sabedoria pessoal e comunitária expressa na confiança e esperança diante da vida. “Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 28,8).

Os tempos de amadurecimento do sentido podem ser longos. O importante é não desistir ou fechar-se diante da perspectiva de descobertas novas e mais ricas. A cultura contemporânea é perpassada por correntes que, quando não negam, ignoram qualquer sentido que transcenda à experiência imediata e subjetiva. Leva assim à visão fragmentada da realidade, tornando a pessoa incapaz de controlar os mil eventos do cotidiano e ir além do que é epidérmico ou sensacional. A maturidade cultural comporta uma síntese, um quadro de referência além dos conhecimentos singulares, para conseguir orientar-se e não ser aprisionado pelos fatos. A qualidade da vida decai quando não é sustentada por uma determinada visão de mundo. E com a qualidade decaem as razões para empenhá-las a serviço de causas nobres.

- **A abertura à *transcendência***, ao além do humano, à aceitação do limite, à acolhida do mistério, à acolhida do sagrado em seus aspectos subjetivos e objetivos, à reflexão e à opção religiosa.

Este é um horizonte que surge em todas as atividades do homem até se tornar a sua dimensão constitutiva: no exercício da sua inteligência, na tensão da sua vontade, nos anseios do coração, na dinâmica das suas relações, na realização das suas empresas. A existência do homem está aberta para o infinito e é essa a sua percepção da realidade. Existem hoje orientações culturais que, conscientemente ou não, levam a fechar-se nos horizontes “racionais” e temporais e tornam incapazes de acolher a própria vida como mistério e dom. Levar a transcendência em consideração quer dizer aceitar questionamentos, ir além do visível e do racional. As experiências, necessidades e percepções imediatas podem ser pontos de partida para abrir-se a novos e mais exigentes valores, exigências e

verdades, que não devem ser sentidos como negação das próprias tendências, mas sua libertação e realização. Como Jesus revelou à mulher samaritana: “Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz ‘dá-me de beber!’, tu é que pedirias a ele e ele haveria de te dar água viva” (Jo 4,10).

- **Uma mentalidade “ética”**, capaz de discernir entre o bem e o mal e saber orientar-se para o bem. Tal cultura é iluminada pela consciência moral, centrada nos valores mais do que nos meios, e assume o primado da pessoa como ponto de partida. A cultura sempre traz em seu bojo um impulso ético e é em si mesma um valor moral, porque busca a qualidade humana do indivíduo e da comunidade. Entretanto os limites do homem repercutem sobre ela.

Algumas das suas tendências e realizações, quando não os seus sistemas inteiros, surgem sob o signo da ambiguidade moral. E isso se dá nas duas dimensões, objetiva e subjetiva. O fato torna-se grave quando, no próprio dinamismo de elaboração da cultura, o critério ético desaparece ou é subordinado a outros. A referência ao bem e ao mal perde, então, toda a incidência, prevalecendo outros apelos, como a utilidade, o prazer, o poder. A linguagem cunhou, ultimamente, uma série de expressões que evidenciam sob a forma de polaridade o primado ou a ausência de uma referência ética válida na evolução da cultura: cultura do ser e do ter, da vida e da morte, da pessoa e das coisas. Desenvolver a cultura com mentalidade ética quer dizer não só fazê-la desenvolver-se a qualquer custo, mas confrontar as suas concepções e realizações com a consciência iluminada pela fé para purificá-la e resgatá-la da ambiguidade e impulsioná-la na direção dos valores.

- **A projetualidade.** A apatia diante do sentido transmuta-se facilmente em indiferença quanto ao futuro. Sem uma visão da história não surgem metas apetecíveis pelas quais se empenhar, exceto aquelas que se referem ao bem-estar individual. Em períodos precedentes, as ideologias, com a sua carga utópica, impulsionaram a projetualidade social e esta também favoreceu a disposição pessoal de envolver-se num projeto histórico.

Hoje, pode acontecer a contração do futuro, com a dilatação do presente, que leva à cultura do imediato. Os projetos esgotam-se em breve tempo e realizam-se nos espaços reduzidos da experiência individual. As mesmas iniciativas de bem podem reduzir-se a querer corrigir alguma coisa, a buscar a autorrealização subjetiva, ao entusiasmo efêmero. Projetar quer dizer organizar os próprios recursos e o próprio tempo em consonância com as grandes urgências da história e com as questões das comunidades para chegar a horizontes ideais dignos do homem. Isso requer consciência crítica para defender-se de imperativos aparentes, capacidade de discernimento para desmascarar pressões psicológicas, generosidade motivada para ir além dos horizontes imediatos.

- **O empenho na *solidariedade*** em oposição à cultura que leva a centrar-se no indivíduo. Projetos pessoais generosos só podem emergir onde a pessoa admite que a sua realização esteja ligada à dos seus semelhantes. A solidariedade é uma aspiração difusa que emerge do profundo das consciências, do coração dos acontecimentos históricos e se manifesta de formas inéditas e quase inesperadas. Ela surge como resposta a macrofenômenos preocupantes, como o subdesenvolvimento, a fome, o abuso. A solidariedade inspira iniciativas exemplares como os projetos de ajuda, o voluntariado e os movimentos de opinião, que vão modificando a relação anterior entre pessoa e sociedade. Tudo isso em âmbitos próximos e mundos distantes. Como consequência, mobiliza o espírito de serviço e leva até ele.

A cultura da solidariedade, entretanto, é facilmente transcurada ou enfraquecida por fortes correntes econômicas e culturais. Ela supõe uma visão de mundo e de pessoa que considere a interdependência como chave interpretativa dos fenômenos positivos e negativos da humanidade. Nada tem explicação exaustiva ou solução racional quando considerado de forma isolada. Pobreza e riqueza, desnutrição e desperdício são fenômenos correlatos. Entre estes contrastes servem de mediação e interpõem-se, não só a ternura e a compaixão, mas a responsabilidade humana. A pessoa não pode ser considerada como um ser que, primeiramente, se constitui por si mesmo e só num segundo momento se orienta

para os outros. A pessoa só consegue ser ela mesma quando assume solidariamente o destino dos seus semelhantes.

3. ASPECTOS QUE TÊM SIGNIFICATIVIDADE ESPECIAL NA ANIMAÇÃO E NA PROPOSTA VOCACIONAL

Promover a cultura vocacional: missão essencial da Pastoral Juvenil

Toda a pastoral, e em particular a juvenil, é radicalmente vocacional: a dimensão vocacional constitui o seu primeiro inspirador e a sua saída natural. É preciso, pois, abandonar a concepção redutiva da pastoral vocacional que só se preocupa com a busca de candidatos para a vida religiosa ou sacerdotal. Ao contrário, como dito antes, a pastoral deve criar as condições adequadas para que todos os jovens possam descobrir, assumir e seguir responsavelmente a própria vocação.

Seguindo o exemplo de Dom Bosco, a primeira condição consiste na criação de um ambiente em que se viva e se transmita uma verdadeira *cultura vocacional*, isto é, um modo de conceber e enfrentar a vida como dom recebido gratuitamente; dom a compartilhar a serviço da plenitude da vida para todos, superando a mentalidade individualista, consumista, relativista, e a cultura da autorrealização. Viver a cultura vocacional requer o esforço de desenvolver algumas atitudes e valores, como a promoção e a defesa do valor sagrado da vida humana, a confiança em si e no próximo, a interioridade que permite descobrir em si e nos outros a presença e a ação de Deus, a disponibilidade para sentir-se responsável e deixar-se envolver pelo bem dos outros numa atitude de serviço e gratuidade, a coragem de sonhar e desejar grande, a solidariedade e a responsabilidade para com os outros, sobretudo os mais carentes.¹² A pastoral juvenil deve propor aos jovens, no interior

¹² Cf. JOÃO PAULO, Mensagem para a XXX Jornada Mundial de oração pelas vocações (8 de setembro de 1992).

deste contexto ou cultura vocacional, os *diversos itinerários vocacionais* – matrimônio, vida religiosa ou consagrada, serviço sacerdotal, empenho social e eclesial – e acompanhá-los em seu esforço de discernimento e opção.

Toda comunidade educativo-pastoral deve estar consciente das características do próprio ambiente cultural e da ação educativo-pastoral que realiza no trabalho cotidiano com os jovens. Tudo isso no intento de promover e desenvolver os elementos típicos da cultura vocacional, que muitas vezes não é aceita pelo ambiente em que vivem os próprios jovens.

Indico-lhes aqui dois elementos que podem ajudar o desenvolvimento da cultura vocacional:

- *Fazer da comunidade educativo-pastoral um ambiente de família com testemunhas vocacionais significativas.*

Os jovens vivem num ambiente massificado, no qual não se sentem nem reconhecidos nem acolhidos; eles devem fazer por merecer e conquistar tudo, de modo que os mais fracos ou menos preparados continuam marginalizados e esquecidos. Neste ambiente, é quase impossível viver a vida como dom a compartilhar; a vida parece mais uma luta pela subsistência ou uma corrida para conquistar o bem-estar e a realização individual. No ambiente de família tipicamente salesiano o jovem sente-se acolhido e apreciado gratuitamente; experimenta relações de confiança com adultos significativos; sente-se envolvido na vida de grupo; desenvolve o protagonismo e a responsabilidade; aprende a construir a comunidade educativa e a sentir-se corresponsável pelo bem comum; encontra momentos de reflexão, diálogo e confronto sereno. Este é o melhor ambiente para o desenvolvimento da cultura vocacional.

- *Garantir a orientação e o acompanhamento das pessoas.*

Será muito difícil o desenvolvimento de uma visão vocacional da vida num ambiente massificado ou no qual as relações sejam apenas funcionais. De fato, esse processo requer a presença e a proximidade dos educadores entre os jovens, sobretudo nos momentos mais espon-

tâneos e gratuitos; o conhecimento e o interesse pela sua vida; a capacidade de relações pessoais, mesmo sendo pontuais e espontâneas; momentos de diálogo e de reflexão em comum que ajudem a ler a vida na ótica positiva e vocacional; espaços e tempos para encontros mais sistemáticos de acompanhamento pessoal.

A educação ao amor, à castidade

A educação ao amor tem grande importância na orientação e animação vocacional. É preciso ajudar o adolescente a integrar o seu desenvolvimento afetivo e sexual no processo educativo e também no itinerário de educação à fé, para que possa viver a afetividade e a sexualidade em harmonia com as demais dimensões fundamentais da sua pessoa, mantendo atitudes de abertura, serviço e oblação.

Hoje, o adolescente deve confrontar-se com um contexto cultural e social pansexualista que transmite suas contínuas mensagens na rua, na televisão, no ciberespaço. São sugestões que levam à prática sexual consumista e orientada à satisfação imediata do prazer. O permissivismo é a tendência social dominante neste campo, e os conteúdos apeteceíveis deste pansexualismo tornam-se motivo de triste comércio. Tudo isso dá lugar à confusão no plano dos valores e ao grande relativismo ético. Acontece com frequência que se promova o uso prematuro da sexualidade nas relações de amizade ou na simples busca da satisfação compulsiva do prazer. Os jovens, com grande decisão, apostam no amor, desafiando preconceitos e censuras, desejos de ir ao encontro das próprias carências afetivas e sensíveis ao valor de uma comunicação aberta e sem limites. Neste campo, porém, com frequência, não dispõem de uma orientação e de um guia que os ajude a compreender a própria afetividade e sexualidade segundo a visão integral da pessoa, desenvolvendo de modo constante e claro um projeto de educação ao amor que os oriente na construção harmoniosa da personalidade, tornando possível uma visão da vida como dom e serviço.

Vários anos atrás, o CG23 indicava aos salesianos a educação ao amor como um dos três núcleos importantes ao redor dos quais se torna possível e se realiza a síntese fé-vida. Não se trata, dizia, “de pontos particulares, mas de ‘espaços’ onde se concentram o significado, a força e a conflitualidade da fé”.¹³

Hoje, esta importância é ainda maior, sobretudo quando se quer desenvolver com eficácia a dimensão vocacional da vida e criar um ambiente no qual seja possível ao jovem amadurecer um projeto vocacional, de modo especial quando se trata de vocações de especial empenho, que muitas vezes incluem a opção do celibato. Muitos jovens vivem, com efeito, num ambiente muito pouco favorável a uma visão integral e positiva do amor. E muitos deles vivem deficiências notáveis que o educador deve conhecer para ajudá-los a superá-las.

Falta a muitos deles uma experiência de amor gratuito na família, na qual devem suportar tensões e desencontros entre os pais que não raramente acabam na opção da separação ou do divórcio. A relação de amizade vivida entre eles é superficial e tudo isso faz que, em vez de resistir às propostas sedutoras do ambiente, sejam conquistados por elas. Assim, muito cedo, vários deles envolvem-se numa relação a dois que os fecha aos outros e à vida de grupo. A urgência que sentem de viver uma relação plena com o companheiro leva-os à prática desordenada da sexualidade. Nisso tudo incide, certamente, a falta de um verdadeiro itinerário de educação ao amor. O tema é evitado ou tratado de modo moralista e negativo que, em vez de ajudar, suscita a repulsa do adolescente.

O Sistema Preventivo e o espírito de família característico do nosso ambiente podem criar as condições de colocá-lo oportunamente em prática.¹⁴

¹³ Cf. CG23, n. 181.

¹⁴ Um simples mas ainda atual itinerário de educação à castidade foi projetado pelo Capítulo Geral 23: cf. CG23, n. 195-202.

A educação à oração

A oração é um elemento essencial e primário na orientação e na escolha da vocação, pois ela, dom de Deus oferecido livremente ao homem, só pode ser descoberta e assumida com a ajuda da graça. Portanto, não será possível uma pastoral vocacional eficaz e profunda para os jovens sem introduzi-los e acompanhá-los na prática assídua da oração.

A primeira comunidade cristã espera rezando o dia de Pentecostes, dia do nascimento da Igreja evangelizadora (At 1,14). O próprio Jesus rezou antes de escolher os apóstolos (Lc 6,12ss) e ensinou-lhes a rezar para que venha o Reino de Deus (Mt 6,7ss). O mandamento “Pedi, pois, ao dono do campo que mande operários para recolher a sua messe” (cf. Mt 9,37ss; Lc 10,2) é compreendido em todo o seu valor e urgência à luz do exemplo e dos ensinamentos de Cristo. A oração é o caminho privilegiado e a melhor pastoral vocacional.

Considerada a centralidade da oração no itinerário de fé, é importante ajudar os jovens a se introduzirem e iniciarem numa verdadeira e profunda vida de oração: só assim poderá amadurecer neles uma possível vocação de especial consagração.¹⁵

Hoje, os jovens vivem frequentemente num ambiente muito pouco favorável à vida espiritual. Eles estão imersos numa cultura de consumismo e de lucro, de gozo pessoal e de satisfação imediata dos desejos; a visão superficial da vida é dominada por critérios ético-morais subjetivos, muitas vezes contrastantes e até contraditórios. O ambiente em que se movem favorece um ritmo de vida agitado, no qual vivem múltiplas experiências sem poder aprofundar nenhuma delas. “A crise da família, a difusa mentalidade relativista e consumista, o influxo negativo das mídias sobre a consciência e o comportamento constituem um grande obstáculo à cultura vocacional.”¹⁶

¹⁵ “A promoção das vocações consagradas exige algumas opções fundamentais: oração constante... A oração deve ser empenho cotidiano das Comunidades e deve envolver jovens, famílias, leigos, grupos da Família Salesiana” (CG26, n. 54).

¹⁶ CG26, n. 57.

Notamos, por outro lado, entre adolescentes e jovens, a busca de interioridade, o esforço para entender a própria identidade e também a abertura e busca sincera de uma experiência da Transcendência. Embora, muitas vezes, esse caminho seja concebido de maneira subjetiva e correspondente às próprias carências, é preciso dizer que se trata de uma boa oportunidade de ajudá-los a descobrir o Deus de Jesus. Multiplicam-se os grupos e movimentos que, de maneiras muito diversas, promovem experiências de espiritualidade, e os jovens estão largamente presentes nesses grupos. Bastaria pensar na comunidade de Taizé!

Isso tudo cria uma condição favorável de oferecer aos jovens a possibilidade de iniciarem um itinerário de educação à interioridade que os vá levando gradualmente a descobrir e apreciar a oração cristã, sobretudo naquilo que é a sua originalidade e a sua verdadeira riqueza: o encontro com a pessoa de Jesus que nos revela o amor de Deus, que nos chama e nos oferece a graça de uma relação pessoal com Ele. Eis por que, num ambiente tão profundamente impregnado de secularismo e superficialidade, é urgente promover a educação à interioridade e oferecer aos nossos jovens uma vida espiritual densa e profunda. “Hoje, os tempos exigem uma volta mais explícita à oração... É uma oração que vibra em sintonia com o despertar da fé: ser crentes empenhados e não apenas fiéis habitudinários implica um diálogo mais explícito, mais intenso, mais frequente com o Senhor. Num clima de secularismo, sente-se premente necessidade de meditação e de aprofundamento da fé.”¹⁷

A educação à oração deve favorecer as condições que levam o jovem a assumir uma atitude de autenticidade. São elas: o silêncio, a reflexão, a capacidade de ler a própria vida, a disponibilidade à escuta e à contemplação, a gratuidade e a confiança. Ao jovem que vive na agitação de uma vida cheia de atividades não é fácil criar dentro de si esse silêncio e cultivar um caminho de interioridade que o leve ao verdadeiro encontro consigo mesmo. Esta também será uma das metas a atingir. De aqui a importância de iniciar os momentos de oração com um tempo de tranquilidade, de silêncio, de serenidade, que permita aos

¹⁷ EGÍDIO VIGANÒ, “A nossa oração pelas vocações”, ACG 341 (1992), p. 27.

nossos jovens chegar a encontrar-se consigo mesmos e, a partir dessa experiência, assumir a própria vida para colocá-la diante do Senhor.

O coração da oração cristã é a escuta da Palavra de Deus. Ela deve ser a grande mestra da oração cristã, que não consiste em “falar” a Deus, mas, sobretudo em “escutá-lo” e abrir-se à sua vontade (cf. Lc 11,5-8; Mt 6,9ss). “Em vossos grupos, caríssimos jovens – escrevia João Paulo II –, multiplicai as ocasiões de escuta e de estudo da Palavra do Senhor, sobretudo mediante a *lectio divina*, ali descobrirei os segredos do coração de Cristo e tirareis dela fruto para o discernimento das situações e a transformação da realidade.”¹⁸ Em geral, será preciso iniciar o jovem a essa escuta, ajudando-o a entender o sentido da Palavra que escuta ou lê. Deve-se reconhecer, também, que a Palavra de Deus é eficaz em si mesma e, portanto, será preciso, às vezes, deixá-la agir sozinha no coração dos jovens, sem forçá-la muito com os nossos esquemas: muitas vezes, por si só, ela os guiará ao diálogo pessoal com Jesus.

Outra grande escola de oração é a vida litúrgica e sacramental da Igreja: deve-se ajudar o jovem a dela participar sempre mais conscientemente, compreendendo os sinais e os símbolos da liturgia. Uma educação à fé que se esquecesse do *encontro sacramental* dos jovens com Cristo ou o retardasse não seria um caminho para encontrá-lo e indicaria menos ainda a possibilidade de segui-lo. “Os jovens, como nós, encontram Jesus na comunidade eclesial. Há, porém, na vida da Igreja, momentos nos quais ele se revela e se comunica de modo único: são os sacramentos, particularmente a Reconciliação e a Eucaristia. Sem a experiência que há neles, o conhecimento de Jesus torna-se inadequado e escasso, a ponto de não permitir distingui-lo entre os homens como o ressuscitado Salvador... Diz-se, com razão, que os sacramentos são verdadeira memória de Jesus: daquilo que Ele fez e continua a fazer hoje por nós, daquilo que significa para a nossa vida; os sacramentos reacendem, portanto, a nossa fé em Jesus, permitindo-nos vê-lo melhor em nossa existência e nos acontecimentos.

¹⁸ JOÃO PAULO II, Mensagem por ocasião da XII Jornada da Juventude (15 de agosto de 1996).

Eles também são a revelação daquilo que parece estar escondido nas dobras da nossa existência, para que se torne consciente... Na Reconciliação, abrem-se os nossos olhos e vemos o que podemos ser segundo o projeto e o desejo de Deus; é-nos dado novamente o Espírito que nos purifica e nos renova. Diz-se que é o sacramento do nosso futuro de filhos, e não do nosso passado de pecadores. Na Eucaristia, Cristo incorpora-nos à sua oferta ao Pai e reforça a nossa entrega aos homens. Inspira-nos o desejo e dá-nos a esperança de que ambos, amor ao Pai e amor aos irmãos, se tornem uma graça para todos e para tudo: anunciamos a sua morte e proclamamos a sua ressurreição; vinde Senhor Jesus”.¹⁹

Entre muitos itinerários de iniciação à oração, a Espiritualidade Juvenil Salesiana oferece a sua grande riqueza e um estilo específico de vida espiritual, com um jeito característico de oração e uma forma atual de organizar a vida ao redor de algumas percepções de fé, opções de valores e atitudes. Nela se encontram algumas características próprias da oração salesiana; ela é uma oração simples, sem complicações inúteis, inserida na vida de todos os dias, que se apresenta e se oferece ao Senhor; oração cheia de esperança, que promove a visão pascal da vida em diálogo pessoal com o Senhor Ressuscitado, vivo e presente entre nós; oração que leva à celebração dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia em que se vive o encontro pessoal com Jesus; oração que ajuda a descobrir a presença de Jesus em todos os jovens, especialmente nos mais pobres, e leva a empenhar-se na sua educação e evangelização.

É importante, então, estar atentos a essas características em nosso itinerário de educação à oração, para ajudarmos o jovem a vivê-la e deste modo introduzi-lo na Espiritualidade Juvenil Salesiana: é um itinerário de vida cristã que pode levar também adolescentes e jovens à grande meta da santidade.²⁰

¹⁹ JUAN E. VECCHI, “Lo riconobbero nello spezzare il pane”, NPG 1997, n. 8 (novembro), p. 3-4.

²⁰ Cf. CG23, n. 158ss e especialmente n. 173-177.

Precisamos estar certos disto: o jovem só poderá esclarecer e consolidar a própria opção vocacional com a vida de oração, sempre mais centrada em Cristo, especialmente quando se tratar de uma vocação de especial consagração.

O acompanhamento pessoal

Outro elemento fundamental na pastoral vocacional é o acompanhamento pessoal regular do jovem. Deverá ser respeitoso, com compreensão adequada do amadurecimento e do itinerário espiritual da pessoa acompanhada. Acompanhamento que ajude a interiorizar e personalizar as experiências vividas e as propostas recebidas; estimule e guie na iniciação à oração pessoal e à celebração dos sacramentos; oriente para um projeto pessoal de vida como instrumento concreto de discernimento e amadurecimento vocacional. A graça do Espírito que age no coração das pessoas precisa da colaboração da comunidade e de um mestre espiritual. Por isso, ao lado de todo santo existe um mestre de espírito que o acompanha e orienta.

O acompanhamento é ainda mais importante no sistema educativo salesiano, que se fundamenta na presença do educador entre os jovens e na sua relação pessoal baseada no conhecimento recíproco, na compreensão e na confiança.

Quando falamos de acompanhamento, não nos referimos apenas ao diálogo individual, mas a *um conjunto de relações pessoais* que ajudam o jovem a assimilar pessoalmente os valores e as experiências vividas, e adequar as propostas gerais à própria situação concreta, a esclarecer e aprofundar motivações e critérios.

Este processo inclui *experiências e níveis sucessivos* promovidos pela comunidade salesiana para garantir um ambiente educativo capaz de favorecer a personalização e o crescimento vocacional. A título de exemplo:

- a presença entre os jovens, com a vontade de conhecê-los e compartilhar a vida com eles, com uma atitude de confiança;
- a promoção de grupos, nos quais os jovens são acompanhados pelo animador e pelos próprios companheiros;
- contatos breves, ocasionais, que demonstram interesse pela pessoa e o seu mundo; e, ao mesmo tempo, uma atenção educativa a determinados momentos de especial significatividade para o jovem;
- momentos breves, frequentes e sistemáticos de diálogo pessoal segundo um plano concreto;
- contato com a comunidade salesiana, com experiências de partilha da vida de oração, de fraternidade e de apostolado;
- oferta frequente do sacramento da Reconciliação. A intervenção atenta e amigável do confessor é, muitas vezes, decisiva para orientar um jovem na opção vocacional.

Na prática do acompanhamento, sobretudo no diálogo pessoal, convém garantir a atenção sobre *alguns pontos fundamentais* para o crescimento humano e cristão do jovem e o discernimento dos sinais de vocação. Eis alguns, de modo especial:

- *Educar ao conhecimento de si*, para descobrir os valores e as qualidades que o Senhor concedeu a cada um, mas também os limites ou as ambivalências no próprio modo de viver ou pensar. Muitos jovens deixaram de acolher o apelo vocacional, não por serem pouco generosos ou indiferentes, mas simplesmente porque não foram ajudados a se conhecerem e descobrirem a raiz ambivalente e pagã de determinados esquemas mentais e afetivos, ou porque não foram ajudados a se libertarem de seus temores e defesas perante a própria vocação.
- *Amadurecer o reconhecimento de Jesus, como o Senhor Ressuscitado e o sentido supremo da própria existência*. As motivações vocacionais devem fundamentar-se no reconhecimento da iniciativa de Deus que nos amou por primeiro. Como explicava o Papa Bento XVI aos jovens de Roma e do Lácio: “O Senhor está sempre

presente e olha para cada um de nós com amor. Mas nós devemos procurar este olhar e encontrar-nos com ele. Como fazer? Diria que o primeiro ponto para nos encontrarmos com Jesus, para fazer a experiência do seu amor, é conhecê-lo... Para conhecer uma pessoa, antes de tudo a grande pessoa de Jesus, Deus e homem, é necessária a razão, mas, ao mesmo tempo, também é necessário o coração. Só com a abertura do coração a ele, só com o conhecimento do conjunto de quanto disse e de quanto fez, com o nosso amor, com o nosso ir em sua direção, podemos a pouco e pouco conhecê-lo cada vez mais e assim fazer também a experiência de ser amados... Num diálogo verdadeiro, podemos encontrar cada vez mais este caminho do conhecimento, que se torna amor. Naturalmente não só pensar, não só rezar, mas também fazer é uma parte do caminho rumo a Jesus: fazer coisas boas, empenhar-se pelo próximo.”²¹

- *Educar a ler a experiência da própria vida e os acontecimentos da história como dom de Deus e como chamado a colocar-se à disposição da missão pelo Reino de Deus.* Por isso, ajudar os jovens a iluminarem a própria existência com a Palavra de Deus, numa referência constante a Jesus Cristo, sentido como Senhor da vida que propõe um projeto particular para cada um de nós. “A minha vida é querida por Deus desde a eternidade. Eu sou amado, sou necessário. Deus tem um projeto comigo na totalidade da história; tem um projeto precisamente para mim. A minha vida é importante e também necessária. O amor eterno criou-me em profundidade e espera por mim. Por conseguinte, este é o primeiro ponto: conhecer, procurar conhecer Deus e assim compreender que a vida é um dom, que é bom viver... Por conseguinte, há uma vontade fundamental de Deus para todos nós, que é idêntica para todos nós. Mas a sua aplicação é diferente em cada vida, porque Deus tem um projeto claro para cada homem... não ‘ter’ a vida, mas fazer da vida um dom, não procurar a mim mesmo, mas entregar-me aos outros. É isto o essencial.”²²

²¹ BENTO XVI, Encontro com os jovens de Roma e do Lácio, em preparação à Jornada Mundial da Juventude, 25 de março de 2010.

²² Idem.

- *Aprofundar a assimilação pessoal dos valores evangélicos* como critérios permanentes que orientam nas opções que se fazem na vida cotidiana. Será mais fácil, então, resistir à tentação de seguir de forma conformista aquilo que todos fazem. Como já disse anteriormente, um aspecto ao qual devemos dar atenção especial neste campo será a educação ao amor e à afetividade.

Centralidade e papel da consagração religiosa na missão da Família Salesiana

A missão salesiana é missão educativa (de promoção integral da pessoa) e missão de evangelização dos jovens. As duas dimensões da nossa missão salesiana (a educativa e a evangelizadora) são essenciais e devem ser vividas em mútua complementaridade e recíproco enriquecimento.

A Família Salesiana, no respeito ao carisma dos diversos grupos que a compõem, é o sujeito desta missão e deve preocupar-se com a integridade desta unidade orgânica; por isso, é uma riqueza que nela estejam significativamente presentes as duas formas complementares de viver a vocação, a secular e a consagrada, e nestas a laical e a sacerdotal.

É, todavia, indispensável estar conscientes e evidenciar o *valor fundamental da vida consagrada* na realização da missão salesiana. “Dom Bosco – afirma o CG24 – quis pessoas consagradas no centro da sua obra, orientada à salvação dos jovens e à sua santidade.”²³

A forma laical da vocação salesiana, em suas diversas expressões no interior da Família Salesiana, refere-se aos valores da criação e das realidades seculares, oferece uma sensibilidade especial pelo mundo do trabalho, dá uma atenção específica ao território, sublinha as exigências do profissionalismo; a laicidade nos membros da Família Salesiana, religiosos, consagrados ou não, demonstra a todos o modo

²³ CG24, n. 150.

de viver a total dedicação a Deus pela causa do Reino nestes valores e ocupações seculares. A outra forma é a sacerdotal, que se refere à finalidade última de toda a ação educativa; os sacerdotes, pertencentes aos diversos grupos da Família Salesiana, realizam um sacerdócio plenamente inserido no trabalho educativo: oferecendo a Palavra de Deus não só na catequese, mas também no diálogo e na ação educativa, constroem a comunidade cristã mediante a construção da comunidade educativa.

O valor da consagração religiosa deve ser reencontrado na Família Salesiana. Ela, de fato, coloca-se como um sinal necessário que, enquanto especifica a identidade dos que fizeram uma escolha total na sequência de Jesus, indica ao mesmo tempo aos leigos que compartilham o nosso carisma, que a sua intervenção na missão não é simplesmente uma ajuda complementar, mas sobretudo uma experiência especial de Deus, na partilha da mesma espiritualidade e da mesma missão. “Não há esperança de futuro para uma figura religiosa que não exprima imediatamente, e quase emocionalmente, um significado transcendente; que não seja uma flecha voltada para o divino e para o amor ao próximo, que nasce do divino.”²⁴

Em nossa visão de vocação salesiana e na sua apresentação damos, não poucas vezes, a impressão de privilegiar os aspectos funcionais, deixando à sombra ou dando por certo e por subentendido aqueles próprios da vida consagrada. “Colocando-se entre parêntesis a consagração religiosa para raciocinar em termos de ação e de papéis funcionais, isso não só confunde os planos, mas altera as dimensões.”²⁵

Em sua tarefa específica, a Família Salesiana *enriquece-se com a presença significativa e complementar de sacerdotes, religiosos, consagrados e leigos*. Juntos configuram uma forma insólita de energias empregadas para o testemunho e a missão educativa; as diversas vocações laicais enriquecem o testemunho da vida consagrada e a função

²⁴ Juan E. Vecchi, “Beatificação do coadjutor Artêmides Zatti: uma novidade explosiva”, ACG 376 (2001), p. 45.

²⁵ Idem.

animadora que, como tal, ela deve realizar na Família e no Movimento salesianos.

Esta relação não se funda, pois, nos papéis ou nas funções diversas que cada um pode realizar (muitas vezes os papéis se confundem), mas nos dons vocacionais específicos mediante os quais cada um contribui para a missão comum. Idêntica deve ser a entrega da vida, porque total, mas não a maneira de entregá-la.

O Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana), lugar vocacional privilegiado

O Movimento Juvenil Salesiano (Articulação da Juventude Salesiana) é uma realidade cheia de vida, presente nos cinco continentes. Ele representa uma expressão significativa da intensa atração que a pessoa de Dom Bosco e o seu carisma exercem sobre os jovens. Nos diversos encontros nacionais e internacionais do MJS (AJS) faz-se uma experiência viva e intensa de uma corrente de comunhão que tem a sua fonte na pessoa de Dom Bosco, nos valores da sua pedagogia e da Espiritualidade Juvenil Salesiana.

O desenvolvimento do MJS, com a sua variedade de grupos e associações, a presença de numerosos animadores, a diversidade de iniciativas e propostas formativas, é para nós membros da Família Salesiana uma graça de Deus e, ao mesmo tempo, um chamado. O Senhor envia-nos todos esses jovens para que os ajudemos no seu itinerário de crescimento como pessoas, até chegarem à plenitude da vida cristã.

A tendência associativa, a vida de grupo, a inspiração comunitária foi uma experiência quase espontânea na vida de Dom Bosco. Havia nele uma inclinação natural à socialidade e à amizade. O associacionismo juvenil é, portanto, uma exigência indispensável na proposta educativa ambicionada por Dom Bosco. Mediante uma pluralidade de grupos e associações juvenis temos a possibilidade de garantir uma presença educativa de qualidade nos novos espaços de socialização dos jovens. E esta experiência torna-se significativa

no momento em que os jovens são chamados a compreenderem a realidade eclesial e a empenharem-se nela como membros vivos no “corpo” da comunidade cristã.

Pode parecer, às vezes, que os jovens dos nossos ambientes e de alguns dos nossos grupos sejam superficiais, sobretudo quando se manifestam no seu estilo barulhento e festivo. Na realidade, muitos deles são profundamente bons e espirituais. Eles manifestam uma grande sede de Deus, de Cristo, de evangelho vivido na simplicidade e na normalidade da vida cotidiana. Dom Bosco estava convencido de que um percentual elevado entre os jovens enviados pelo Senhor às nossas casas possui disposições favoráveis para seguir uma vocação de especial empenho, se forem motivados e acompanhados convenientemente.²⁶ Justamente por viverem frequentemente num ambiente pouco favorável ao silêncio e à interiorização, procuram a nossa ajuda, o nosso apoio e o nosso acompanhamento no caminho de maturação da própria vida. A Espiritualidade Juvenil Salesiana, o estilo de vida cristã vivido por Dom Bosco e pelos jovens do Oratório de Valdocco constitui então um recurso a oferecer a esses jovens.

Em várias partes do mundo, muitas vocações à vida religiosa ou sacerdotal e também à vida laical empenhada na Família Salesiana florescem nos grupos e nas associações do MJS, sobretudo entre os animadores. É um fato que devemos levar em conta, valorizando e acompanhando muito melhor a experiência associativa. Talvez devêssemos estar mais convencidos de que os nossos jovens, sobretudo os jovens animadores, têm o direito de receber de nós um estímulo que os leve a pensar a própria vida e o próprio empenho em chave vocacional; em seu acompanhamento pessoal devemos propor com clareza a questão vocacional e encorajar a sua resposta generosa.

Esta é uma tarefa importante e urgente para cada salesiano e para cada membro da Família Salesiana em seu contato cotidiano com os jovens dos grupos e nos diversos trabalhos de animação. Quando houver uma ocasião propícia e uma disponibilidade potencial do jovem,

²⁶ Cf. MB XI, p. 266.

esse é o momento de propor um compromisso vocacional. Nessa proposta devemos ser livres e corajosos, entregando-nos à ação do Espírito, que frequentemente haverá de nos surpreender com a sua ação.

Hoje, a idade das opções vocacionais de vida vai sendo adiada e, mesmo sendo a semente lançada na pré-adolescência ou adolescência, ela amadurece frequentemente em momentos sucessivos, quando os jovens se encontram na universidade ou nas primeiras experiências de trabalho. É importante promover propostas e espaços concretos que nos permitam acompanhá-los nestes momentos decisivos para o seu futuro. Entre estes jovens, devemos cuidar de modo especial daqueles que nos estão mais próximos, os animadores, os voluntários, os colaboradores das nossas obras que compartilham generosamente muitos aspectos da missão salesiana, que têm uma vontade autêntica de serviço e estão em busca de um projeto significativo de vida. É preciso garantir que a experiência de animação ou de voluntariado os ajude a organizar a própria vida segundo um itinerário de busca e de disponibilidade vocacional.

Notamos que entre os grupos do MJS vão-se desenvolvendo de modo admirável os grupos de *Voluntariado*. Eles são a primeira saída do itinerário formativo anteriormente realizado nos grupos. Os jovens, na opção pelo voluntariado, descobrem um espaço de iniciativa e de serviço que se torna contestação corajosa da mentalidade individualista e consumista que insidia muitas realidades sociais. Ao mesmo tempo, ajuda-os a amadurecer a visão vocacional da vida como dom e como serviço.

Deve-se colher este “sinal dos tempos” explicitando os seus múltiplos valores, sobretudo na educação à solidariedade e na riqueza vocacional que inclui.

Dom Bosco sabia empenhar os seus meninos, frequentemente muito jovens, em tarefas quase heroicas de voluntariado. Basta recordar os jovens “voluntários” na época da cólera em Turim. Mediante estes comprometimentos de serviço, ajudava-os a amadurecer a opção vocacional da vida. O envolvimento direto dos próprios jovens em sua educação e na transformação do ambiente foi, para Dom Bosco, uma

das chaves fundamentais do seu sistema educativo, além de ser uma verdadeira escola de cidadania e de santidade.

Também nós, hoje, mediante o voluntariado, queremos repropor uma visão vocacional da vida, inspirada no Evangelho vivido segundo a Espiritualidade Juvenil Salesiana. O(a) voluntário(a) traduz na realidade aqueles valores e atitudes que caracterizam a “cultura vocacional”, sublinhados anteriormente, como a defesa e promoção da vida humana, a confiança em si e no próximo, a interioridade que faz descobrir em si e nos outros a presença e a ação de Deus, a disponibilidade a sentir-se responsável e deixar-se envolver pelo bem dos outros em atitude de serviço e gratuidade. Esses valores devem ser cultivados durante a formação dos voluntários e inspirar os seus projetos e o seu modo de servir, de tal maneira que a experiência de voluntariado confirme a sua vida como cidadãos e como cristãos empenhados e não se reduza a uma experiência entre tantas outras vividas no tempo da juventude.

Dessa forma, o voluntariado torna-se verdadeira escola de vida; contribui para educar os jovens à cultura da solidariedade perante os outros, sobretudo os mais carentes; faz crescer neles o espírito de acolhida, a abertura para o outro, e convida quase naturalmente à abertura do dom total e gratuito de si mesmos.

É importante, então, promover o voluntariado na Família Salesiana. Trata-se de uma proposta que deve ser conhecida, valorizada e acompanhada. Constitui por si mesma uma experiência típica na qual se pode cultivar adequadamente a cultura vocacional.

4. CONCLUSÃO. BELEZA E ATUALIDADE DA VOCAÇÃO SALESIANA

Em minhas visitas à Congregação e a outros grupos da Família Salesiana presentes no território, pude constatar a enorme força de atração e o entusiasmo suscitado pela pessoa de Dom Bosco, entre os jovens e adultos, entre a gente simples e as autoridades, os políticos,

os agentes sociais, nas diversas culturas e também entre pessoas de outras religiões. Conversando com muitos deles, pude perceber o reconhecimento que manifestam pela presença e a obra salesiana. Todos se sentem orgulhosos de serem ex-alunos(as) e de terem experimentado a pedagogia salesiana. Com frequência, a lembrança de Dom Bosco suscita grande entusiasmo popular e mobiliza populações inteiras. Acontece assim, por exemplo, no Panamá, durante a novena e a festa de Dom Bosco. Estamos percebendo o mesmo fenômeno durante a passagem da urna de Dom Bosco, em turnê pelos vários continentes. A sua pedagogia e o seu estilo educativo, sobretudo quando conhecido e aprofundado, é considerado um tesouro que se deve, ao mesmo tempo, fazer conhecer e conservar. Ela representa, de fato, uma resposta adequada aos desafios e expectativas dos jovens de hoje.

Isso tudo nos encoraja a viver a nossa vocação com digno orgulho e grato reconhecimento, sentindo-nos herdeiros e continuadores de um carisma especial que Deus suscitou para os jovens, sobretudo os mais pobres e em situação de risco. Nos 150 anos de história salesiana, desde a fundação da Congregação e da Família Salesiana, vemos realizar-se o sonho de Dom Bosco, de envolver um vasto movimento de pessoas que, compartilhando o seu espírito, se empenham na missão juvenil. Nós todos somos parte e comprovação desse sonho em ação.

Devemos viver, portanto, a nossa vocação salesiana com grande sentimento de agradecimento, e o primeiro sinal de reconhecimento é a nossa fidelidade pessoal, vivida com alegria e testemunho luminoso. Devemos falar da nossa vocação. Devemos falar de Dom Bosco e da sua missão. Devemos evidenciar aquilo que a Família Salesiana, por meio dos seus grupos, realizou no mundo, e encorajar muitas pessoas de boa vontade a oferecerem não só a sua colaboração, mas a sua própria vida para que a missão salesiana possa continuar no mundo em favor dos jovens tão amados por Deus.

Todos nós podemos conhecer e recordar irmãos e irmãs, comunidades e grupos que viveram e continuam a viver a sua vocação de modo admirável e atraente. As suas vidas suscitam a estima e o envolvimento de muitas pessoas. Penso neste momento na figura do padre

Cimatti, que com a sua simpatia, a sua amabilidade e o seu talento musical tornou conhecido e apreciado Dom Bosco e a sua obra no Japão, suscitando numerosas vocações; a figura de padre Carreño, que na Índia, com outros grandes missionários, tornou a vocação salesiana conhecida e amada, envolvendo muitíssimos jovens e ativando um movimento vocacional do qual ainda hoje recolhemos frutos abundantes. Recordo ainda a Beata Ir. Maria Romero, incansável mulher apostólica na Costa Rica, ou a irradiante figura da irmã Eusébia Palomino, ou o Cooperador Salesiano Atílio Giordani, ou o Ex-Aluno Alberto Marvelli, ou Alexandrina da Costa, ou Nino Baglieri.

Mesmo em situações muito difíceis, como as dos países comunistas, os membros da Família Salesiana não se deixaram sobressaltar e desencorajar pelos obstáculos e não se retiraram à espera de tempos melhores, mas procuraram viver a própria vocação fielmente, ajudando-se reciprocamente a serem perseverantes em situações quase impossíveis e dando lugar a formas originais e criativas de atuar, na clandestinidade, um trabalho pastoral segundo o espírito salesiano. Dessa forma, também naquelas circunstâncias tão adversas, foram capazes de suscitar numerosas vocações à vida religiosa e à Família Salesiana.

Estou certo de que cada um de vós, nos diversos grupos e nas Congregações ou Institutos da Família Salesiana, conheceu irmãos ou irmãs ao redor dos quais cresceram numerosas vocações à vida religiosa. Outros terão promovido o trabalho de numerosos leigos pela missão de Dom Bosco. Essa força de animação tem sua fonte na pessoa do nosso grande Pai Dom Bosco. Ainda hoje, sempre que os nossos colaboradores leigos conhecem bem a figura de Dom Bosco e o seu Sistema Educativo e a sua Espiritualidade, ficam profundamente entusiasmados por ele e sentem o desejo de torná-lo conhecido a outros.

Devemos viver, portanto, orgulhosos da nossa vocação salesiana; conhecer sempre mais Dom Bosco e, sobretudo, viver e comunicar com entusiasmo o seu espírito e a missão salesiana. Como sinal de gratidão pelo dom da vocação salesiana recebida, empenhemo-nos por fazê-la conhecida de todos, principalmente dos jovens. Falaremos

dele, sempre que for possível, aos nossos colaboradores e aos amigos que entram em contato conosco. A nossa vida, o nosso entusiasmo, a nossa fidelidade manifestarão plenamente que cremos na beleza e no valor da vocação que recebemos. Creamos na sua atualidade e a vivemos intensamente para responder com alegria às necessidades e às expectativas dos jovens e da sociedade de hoje.

O Senhor Jesus e Maria Auxiliadora confiaram-nos este dom precioso para a salvação dos jovens. É um dom que conservamos com amor, que vivemos com intensidade, que comunicamos com alegria.

Como de costume, concluo com uma fábula que me parece muito estimulante para a reflexão que nos propõe sobre o tema da sequela, do caminho, da opção fundamental da vida e do Senhor, como único sumo bem e verdadeira pérola preciosa, pela qual vale a pena vender tudo o mais. São todos elementos que têm a ver com a concepção da vida como vocação.

A caravana no deserto

Vivia no distante Oriente um imperador rico e poderoso. Em todas as cortes do mundo teciam-se elogios sobre o seu reino, os seus palácios, a sua sabedoria. Entretanto, poetas e trovadores peregrinavam de castelo em castelo exaltando, acima de tudo, as suas imensas riquezas. "Só as joias do seu diadema já dariam para fazer viver uma cidade!", declamavam.

Como é comum acontecer, tudo isso fomentou inveja e cupidez em outros reis e outros povos. Algumas tribos de bárbaros ferozes e violentos concentraram-se nas fronteiras e invadiram o reino. Ninguém conseguia detê-los. O imperador decidiu refugiar-se entre as tribos fiéis que viviam nas montanhas, além do deserto assustador.

Certa noite, ele deixou o palácio imperial acompanhado de uma ágil caravana que transportava o seu fabuloso tesouro de lâminas de ouro, joias e pedras preciosas. Para que a marcha fosse mais rápida,

acompanhavam-no apenas a sua guarda de elite e os seus pajens, que lhe tinham jurado fidelidade absoluta até à morte.

O caminho pelo deserto serpeava entre dunas de areia esquentadas pelo sol, fendas estreitas e ravinas íngremes. Vereda conhecida por poucos. Pela metade do caminho, enquanto escalavam uma encosta pedregosa, esgotados pelo cansaço e o revérbero ardente das rochas, alguns camelos da caravana caíram agonizantes e não se levantaram mais. As arcas que transportavam rolaram pelos flancos da duna, romperam-se e espalharam todo o seu conteúdo de moedas, joias e pedras preciosas, que afundaram entre as pedras e a areia.

O soberano não podia diminuir a marcha. Os inimigos provavelmente já haviam percebido a sua fuga. Com um gesto entre aborrecido e generoso, acenou aos seus pajens e à guarda para que ficassem com as pedras preciosas que conseguissem recolher e carregar com eles. Um punhado daqueles preciosos objetos garantiria riqueza pelo resto da vida.

Enquanto os jovens avidamente se lançavam sobre o rico butim e remexiam freneticamente a areia e entre as pedras, o soberano continuou sua viagem pelo deserto. Percebeu, porém, que alguém continuava a caminhar atrás dele. Voltou-se e viu que era um de seus pajens, que o seguia ofegante e suado.

– E você – perguntou-lhe –, não ficou a recolher alguma coisa?

O jovem fixou-o com um olhar sereno, cheio de dignidade e altivez, e respondeu:

– Não, senhor. Eu acompanho o meu rei.

A narração traz-nos à memória o trecho decisivo do Evangelho de João, que é um divisor de águas na história de Jesus:

“A partir daquele momento, muitos discípulos de Jesus o abandonaram e não mais andavam com ele. Jesus disse aos Doze: ‘Vós também quereis ir embora?’. Simão Pedro respondeu: ‘A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus’” (Jo 6,66-69).

Opção de tão grande empenho, de entrega da própria vida nas mãos de Deus, só é possível, como escreve Madeleine Delbrêl, se formos capazes de dançar deixando-nos guiar pelo Espírito Santo.

A dança da vida

Para ser um bom dançarino, contigo e com os outros, não é preciso saber para onde a dança conduz. Basta acompanhar os passos, estar alegre, estar leve, e sobretudo não ficar rígido. Não é preciso pedir explicações sobre os passos que gostas de dar. É preciso ser como um prolongamento teu, ágil e entusiasta. E receber de ti a retransmissão do ritmo da orquestra.

É preciso não querer ir adiante a qualquer custo, mas aceitar voltar para trás, caminhar de lado. É preciso saber parar e saber deslizar, em vez de caminhar. E estes seriam apenas passos abobalhados, se a música não fizesse deles uma harmonia. Entretanto, nós nos esquecemos da música do teu Espírito, e fazemos da vida um exercício de ginástica; esquecemos que entre os teus braços a vida é uma dança, e que a tua santa vontade é de uma fantasia inconcebível.

Senhor, se fôssemos felizes contigo não poderíamos resistir à carência de dança que se dissemina pelo mundo, e chegaríamos a adivinhar qual dança te agrada fazer-nos dançar, desposando os passos da tua Providência.

Caros irmãos e irmãs, desejo a todos esta exaltante experiência de se deixar conduzir pelo Espírito. A nossa vida encher-se-á de alegria e entusiasmo e poderemos ser então como João Batista, mestres que sabem ajudar os próprios discípulos a serem discípulos e apóstolos do Senhor Jesus.

Um forte abraço e um ano de 2011 sereno e abundante de vocações para toda a Família Salesiana.

A handwritten signature in black ink, reading "Pascual Chávez V." in a cursive script.

P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor